

DINÂMICA DO ESPAÇO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS: LIMITAÇÕES, RESISTÊNCIAS E HETEROTOPIAS

Daniela Maria do Espirito Santo e Silva ¹

Marcela Fernanda Rodrigues Alves²

RESUMO

Este estudo investigou o currículo escolar de uma instituição privada nos anos iniciais do ensino fundamental, alinhando-se às diretrizes da LDB/96. O currículo é reconhecido como um instrumento que organiza o conhecimento e delinea estratégias de aprendizado, influenciando a gestão e a interação na escola. Embasado nas teorias de Michel Foucault sobre poder e espaço, e explorando o conceito de heterotopia, adotou-se uma abordagem qualitativa de estudo de caso. Foram realizadas observações participantes, entrevistas e análises do cotidiano escolar. Os resultados destacaram que o espaço escolar é concebido para disciplinar e limitar os alunos, fomentando uma idealização do sujeito "normalizado". Contudo, também foram observadas manifestações de resistência por parte dos estudantes, que buscam expressar-se e criar espaços alternativos. Apesar do ambiente ser projetado para disciplinar e controlar os corpos, ele também funciona como palco para resistência e busca por liberdade. O projeto arquitetônico e o planejamento de horários da instituição foram identificados como elementos que reforçam a dominação dos corpos, embora os alunos encontrem formas de expressão e resistência dentro desse contexto. As análises enfatizaram a organização da sala de aula, os espaços de interação e as manifestações dos alunos como aspectos cruciais para compreender a dinâmica do espaço escolar nos anos iniciais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Currículo escolar, Ensino fundamental, Heterotopia, Michel Foucault, Limitações.

INTRODUÇÃO

O currículo escolar é um documento fundamental para a gestão e organização do conhecimento em uma instituição de ensino, delineando os conteúdos a serem estudados e as metodologias de aprendizagem adotadas. Exigido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, o currículo estabelece competências e diretrizes que garantem uma formação básica comum. Nesse contexto, o currículo serve como base para o desenvolvimento de estratégias educacionais, influenciando diretamente a construção do conhecimento pelos alunos.

O ambiente escolar, composto por diversas áreas como salas de aula, áreas recreativas e corredores, é um espaço onde as disciplinas organizam a disposição

¹Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, danielaessan@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, marcela.ralves@ufpe.br

arquitetônica e funcional, criando uma hierarquia e uma economia de tempo e gestos, conforme discutido por Foucault (2003). Esses espaços refletem as relações de poder e controle dentro da escola, influenciando o comportamento e a obediência dos indivíduos.

Este trabalho, baseado em um estudo de caso com abordagem qualitativa conforme proposto por André e Ludke (1986), envolve observação participante, entrevistas e análise do cotidiano escolar em uma **escola da rede privada**³, localizada na cidade do Recife. Realizado por discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, o estudo tem como objetivo relatar a experiência de interação com estudantes do 3º ano do ensino fundamental e analisar as informações disponíveis no site da escola. Além disso, o estudo identifica limitações no espaço escolar analisado.

Na fundamentação teórica, utilizamos o conceito de heterotopia de Foucault (2013), que descreve espaços reais que simultaneamente representam, contestam e invertem outras alocações sociais. Oliveira, Ferrari e Char (2021) aplicam esse conceito ao currículo, considerando-o um território de multiplicidades e contraespaços que desafiam a homogeneidade tradicional. Larrosa (1998) e Veiga-Neto (2007) discutem a importância de enxergar o espaço da sala de aula com outras perspectivas, valorizando a diversidade e a interação entre diferentes sujeitos.

Portanto, o currículo escolar na pós-modernidade deve ser visto como um espaço-tempo dinâmico, onde ocorrem interações diversas e complexas. É nesse ambiente que se desenrolam as vicissitudes humanas, refletindo uma gama de experiências e expectativas que moldam o processo educacional.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido através de um estudo de caso, conforme as diretrizes propostas por André e Ludke (1986), utilizando uma abordagem qualitativa. A escolha por esta metodologia se deu pela necessidade de uma compreensão aprofundada e detalhada do currículo escolar da instituição em questão. A abordagem qualitativa permite explorar as nuances e particularidades do ambiente escolar, valorizando a subjetividade e a complexidade das interações humanas.

³ O nome da instituição foi suprimido para evitar a identificação de indivíduos ou grupos específicos e proteger sua privacidade.

O estudo de caso foi escolhido como estratégia de pesquisa por ser ideal para a investigação de fenômenos complexos em seu contexto real. Este método permite uma análise intensiva e detalhada de uma unidade específica – no caso, uma escola da rede privada da Cidade do Recife. Através do estudo de caso, foi possível focar em aspectos particulares da instituição que contribuem para a compreensão do currículo escolar em prática.

A realização do trabalho de campo foi essencial para a coleta de dados primários e a observação direta do ambiente escolar. O trabalho de campo envolveu:

- 1. Observação Participante:** As pesquisadoras participaram do cotidiano escolar, inserindo-se na rotina da instituição para observar as práticas pedagógicas e a interação entre estudantes, professora e os espaços. Essa técnica permitiu captar detalhes sutis e contextuais que seriam difíceis de obter através de métodos indiretos.
- 2. Entrevistas:** Foram conduzidas entrevistas não estruturadas com auxiliares de serviços e Gestora da escola. As entrevistas possibilitaram a obtenção de perspectivas diversas sobre o currículo escolar, suas práticas e desafios.
- 3. Análise do Cotidiano Escolar:** A rotina escolar foi analisada com foco em como o currículo é implementado na prática. Foram observadas aulas, atividades extracurriculares e interações no ambiente escolar, permitindo uma compreensão abrangente do funcionamento da instituição.

Além da observação e das entrevistas, foi realizada uma análise documental das informações disponíveis no site da escola. Esta análise incluiu a revisão de materiais institucionais, regulamentos internos e outros documentos relevantes. A bibliografia sugerida para estudo foi utilizada como referência teórica, complementada por outras fontes incorporadas conforme necessário.

O estudo permitiu relatar a experiência das pesquisadoras e oferecer uma visão crítica sobre o currículo escolar da instituição. Observou-se a interação dos alunos do 3º ano do ensino fundamental e identificaram-se aspectos positivos e limitações do espaço escolar. A análise revelou a complexidade da implementação do currículo e a necessidade de ajustes para melhor atender às demandas educacionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Foucault (2013), a utopia "é a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o inverso da sociedade; mas, de toda forma, essas utopias são espaços fundamentalmente,

essencialmente, irreais". Para o filósofo, existem igualmente em toda civilização e cultura:

lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-aloções, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais as alocações reais, todas as outras alocações reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Por serem absolutamente outros quanto a todas as alocações que eles refletem e sobre as quais falam, denominarei tais lugares, por oposição às utopias, de heterotopias (FOUCAULT, 2013, p. 115-116).

Utilizando o conceito foucaultiano de heterotopia, Oliveira, Ferrari e Char (2021) consideram o currículo um território de multiplicidades. Para os autores, ultrapassar a linha do que é instituído em um currículo cria contraespaços e alargamento do território curricular, possibilitando a existência de vidas classificadas como impossíveis de serem vividas. Além disso, a ampliação dos territórios curriculares provocada pelas heterotopias do currículo implica a política das subjetividades, isto é, outros espaços devem ser fornecidos.

São nesses espaços que “a comunidade dos convocados à lição tem seu ser na dispersão e na descontinuidade, na divergência e na dessemelhança, na distinção e no dissenso” (LARROSA, 1998, p. 180 *apud* VEIGA-NETO, 2007, p. 11). Essa proposta feita por Larrosa nos instiga a ver o espaço da sala de aula com outras lentes, uma vez que, geralmente, nossos olhos são disciplinados a enxergar a cada dia uma homogeneidade de gestos, comportamentos e pensamentos dos sujeitos que nela estão inseridos.

Para Veiga-Neto (2007), “o lugar que cada corpo ocupa no espaço faz sentido não por si mesmo, mas em função das suas relações com os lugares vizinhos”. Ou seja, o currículo na pós-modernidade começa a ter proposições para além do documento hierárquico que outrora era, para “um espaço-tempo em que sujeitos diferentes interagem, tendo por referência seus diversos pertencimentos” (MACEDO, 2006, p.288). Dessa forma, a transição do currículo como um documento estático e hierárquico para um espaço dinâmico e interativo, onde as relações e interações entre os sujeitos são fundamentais para a construção do conhecimento e da experiência educacional.

Portanto, é de extrema importância lembrar que é nesse ambiente que “todas as vicissitudes humanas perpassam de ponta a ponta esse espaço ou tempo, vicissitudes que podem ser traduzidas em conflitos, alegrias, expectativas mal ou nunca satisfeitas,

recalques, exibicionismo, esperança, avanços e retrocessos” (NOVASKI, 1994, p. 14). Segundo Macedo (2006), tratar o contemporâneo como um espaço-tempo de fronteira implica considerar tanto uma cultura global e homogênea quanto lógicas culturais alternativas. O espaço-tempo do currículo, sem dúvida, carrega marcas de uma homogeneidade influenciada pela cultura do Iluminismo e pela cultura de mercado, características do pensamento moderno. Essas influências tornam difícil conceber a diferença dentro desse contexto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola é uma instituição particular que oferece educação infantil e ensino fundamental anos iniciais. A escola, em funcionamento desde 1995, atende a uma clientela de classe média. Sua localização é marcada pela presença de vias de grande acesso, o que resulta em intensa movimentação de pedestres e automóveis devido à proximidade de outras escolas.

Devido à indisponibilidade do projeto político-pedagógico da escola, nossa análise baseou-se na proposta curricular disponível no site da instituição. O site afirma que a proposta do colégio é construir uma aprendizagem fortalecida por uma formação cidadã, crítica e atuante. A educação infantil foca no desenvolvimento humano, social e cognitivo de cada aluno, enquanto a proposta curricular do ensino fundamental enfatiza a formação básica do cidadão, preparando o aluno para aprender a aprender, ser, fazer e conviver no mundo, valorizando o ser humano em sua plenitude.

A turma do 3º ano é composta por 20 alunos, com quatro professoras que se revezam nas disciplinas de Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Artes, Educação Física e Informática. Durante as atividades, os alunos permanecem sentados em suas carteiras, na maior parte do tempo em silêncio e concentrados. Notamos que algumas crianças se dispersam durante as explicações, enquanto outras são bastante participativas. Observamos que os estudantes mantiveram-se quietos na maior parte do tempo, o que nos levou a questionar se esse comportamento era constante ou resultava de nossa presença. Podemos supor que “o espaço, nessa nova configuração, é, assim, objeto de investimento de técnicas e de relações de saber que permitem determiná-lo ou formalizá-lo, porém, mesmo com todo o investimento empreendido, o espaço ainda tem regiões sacralizadas” (OLIVEIRA; FERRARI; CHAR, 2021, p. 6). Ou seja, isso pode implicar que o comportamento dos alunos, assim como a configuração do espaço escolar, pode ser influenciado por fatores além do controle visível e imediato.

A socialização do recreio das crianças acontece entre vários espaços da escola, porém, sempre supervisionado por um auxiliar. Explicitando “a dominação colonial, Bhabha (1998) lança mão da noção de ambivalência, mostrando como o aparato discursivo colonial, ao mesmo tempo em que reconhece a diferença, a repudia, produzindo conhecimentos que são utilizados no exercício da vigilância” (MACEDO, 2006, p. 289). Os espaços utilizados pelos estudantes são: quadra coberta que não possui dimensões reais de uma quadra esportiva; área de recreação que possui um parquinho com balanços, escorrega, escadas, trepa-trepa e um túnel; nesta mesma área existe um micro campo de grama sintética, duas casinhas com porta e janela cada.

Observamos que as crianças utilizam o parquinho descalços, supomos que seja para não danificar o brinquedo, que é feito de uma estrutura de ferro coberta com material que absorve impacto e redes de proteção devido a altura. Chamou a atenção que este “campinho de futebol” é utilizado simultaneamente por meninas e meninos, às vezes as disputas da modalidade são feitas por meninos contra meninas e outras por times mistos.

Perguntamos sobre como era feita essa divisão, se acontecia por distinção de idade, sala, turno ou turma, se era as crianças mesmo que escolhiam fazer essa divisão, as auxiliares - que ficam responsáveis pelas alunos - responderam que as crianças de menos idade tendem a jogar em times misto, quando maiores se dividem por sexo ou grupos de afinidade e são os alunos que decidem a divisão. Logo, podemos afirmar que

o espaço é a esfera da possibilidade da multiplicidade na qual distintas trajetórias coexistem, é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade, sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então, isto deve implicar na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. (MASSEY, 2004, p. 8 *apud* ROCHA e MEDEIROS, 2020, p. 9).

Por outro lado, pudemos observar que todos, na maioria dos espaços e o tempo, têm explícita ou implicitamente uma organização pré-determinada para sua utilização e posição dos corpos, nas imagens abaixo conseguimos ver explicitamente que os corredores da escola são estreitos, deixando claro o limite para a ocupação dos corpos. A saída de duas turmas das salas de aula ao mesmo tempo atravessando este corredor, obriga diretamente que esses corpos sejam enfileirados para chegar ao seu espaço de lazer vigiado.

Além disso, notamos nas paredes dos corredores e também nas salas de aula a utilização de materiais de construção que impedem as manifestações emocionais e

físicas desses sujeitos. Deixando implícito que é proibido qualquer tipo de expressão não autorizada ou conduzida por aqueles que detém o poder sobre esses alunos. Segundo Macedo (2006) é interessante entender como a teoria liberal, que apresenta a assimetria entre a comunidade, mercado e Estado, a diferença é ocultada. A autora ainda cita um trecho do livro do sociólogo português Bouventura de Sousa Santos, *Pela mão de Alice*, que diz que o liberalismo

transforma os sujeitos em unidades iguais e intercambiáveis no interior de administrações burocráticas públicas e privadas, receptáculos passivos de estratégias de produção, enquanto força de trabalho, de consumo, enquanto consumidores, e de estratégias de dominação, enquanto cidadãos da democracia de massas. (SANTOS, 1997, p. 240 *apud* MACEDO, 2006, p. 06)

Notamos que todos os espaços e tempos na escola possuem uma organização pré-determinada, restringindo a ocupação dos corpos. Os corredores são estreitos, forçando os alunos a formarem filas. Materiais de construção, como cerâmica nas paredes e alumínio nas portas dos banheiros, limitam as manifestações emocionais e físicas dos alunos. Contudo, esses materiais não impedem totalmente as expressões dos alunos. Em conversa com uma auxiliar, soubemos que os banheiros femininos frequentemente exibem inscrições que são rapidamente apagadas pela limpeza.

Em conversa com uma das auxiliares da escola, foi relatado que nos banheiros feminino há sempre manifestações escritas e que assim que é visto qualquer tipo de expressão logo é retirado ou apagado pelos funcionários da limpeza. Fomos ao local citado e capturamos as manifestações de sentimentos por parte dos alunos. Nas imagens abaixo podemos ver que a existência desses materiais não impediu que esses estudantes expressassem seus sentimentos, tanto de ódio quanto de amor. Para Foucault as crianças sabem muito bem onde encontrar as heterotopias, esses contraespaços:

É o fundo do jardim, com certeza, é com certeza o celeiro, ou é então – na quinta-feira à tarde – a grande cama dos pais. É nessa grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois, essa grande cama é também o céu, pois se pode soltar sobre as molas; é a floresta, pois pode-se nela esconder-se; é a noite, pois ali se pode virar fantasma entre os lençóis, é enfim, o prazer, pois no retorno dos pais, se será punido. (FOUCAULT, 2013, p. 20)

Em conversa com a diretora, percebemos a aplicação das estruturas de poder. Ela comentou que os alunos temem ser levados à diretoria e que busca negociar as punições com eles. Relatou um exemplo de um aluno acusado de bullying que teve a escolha de sua punição: chamar os responsáveis ou ficar uma semana sem recreio. O estudante optou pela segunda opção.

Paraíso (2010) afirma que o espaço das formas é constituído por ordenamentos, organizações, sequenciação, estruturações, enquadramentos e divisões, controlados por poderes que determinam o que deve ser dito, como deve ser dito, o que fazer e como fazer. Portanto, o espaço escolar é um espaço de disciplinamento, visando produzir coesão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma análise do funcionamento de uma escola particular, focando nas dinâmicas educativas e espaciais que moldam a experiência dos alunos. Observamos que a escola, apesar de sua proposta pedagógica voltada para a formação cidadã e crítica, manifesta um controle rígido sobre os espaços e comportamentos dos alunos. A presença de uma infraestrutura que limita expressões emocionais e físicas dos estudantes, como corredores estreitos e materiais que impedem a personalização dos espaços, sugere um ambiente altamente regulamentado.

No entanto, as interações observadas, como o uso compartilhado do campinho de futebol e as manifestações espontâneas nos banheiros, revelam uma tensão entre a organização institucional e a agência dos alunos. As crianças demonstram capacidade de negociar e subverter as normas, utilizando os espaços de maneira criativa e contestadora. Isso corrobora a ideia de que o espaço escolar, embora estruturado para disciplinar, é também um campo de multiplicidade e pluralidade, onde diferentes trajetórias e vozes coexistem.

As práticas de socialização e a divisão de times no campinho de futebol, escolhidas pelos próprios estudantes, ilustram como a autonomia pode se manifestar mesmo em contextos de controle. Essas dinâmicas refletem a coexistência de ordens e resistências, onde os estudantes exercem sua voz e agência.

Concluimos que, embora a escola possua uma estrutura que promove o disciplinamento e a coesão, há um constante jogo de poder e negociação entre os regulamentos institucionais e as práticas cotidianas dos alunos. O espaço escolar, portanto, não é apenas um local de imposição de regras, mas também um território de interação, resistência e criação coletiva. Assim, futuros estudos poderiam explorar mais a fundo como essas dinâmicas influenciam a formação dos estudantes e como práticas pedagógicas mais flexíveis poderiam ser incorporadas para valorizar ainda mais a pluralidade e a autonomia dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 30 out. 2023.

DE OLIVEIRA, Danilo Araujo; FERRARI, Anderson; CHAR, Carla. **A história que a história não conta: heterotopias de um samba-enredo no currículo**. Revista e-Curriculum, v. 19, n. 2, p. 634-658, 2021.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Estudos avançados, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013.

MACEDO, Elizabeth. **Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural**. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 32, p. 285-296, 2006.

NOVASKI, Augusto João Crema. **Sala de aula: uma aprendizagem do humano**. In: MORAIS, Régis (Org.). A sala de aula: que espaço é esse? Campinas: Papyrus, 1994.

PORTOCARRERO, Vera. **Instituição escolar e normalização em Foucault e Canguilhem**. Educação & Realidade, v. 29, n. 1, p. 35-46, 2004.

ROCHA, Ana Angelita; MEDEIROS, Ricardo Scofano. **Currículo e espaço—uma conversa por se fazer?**. Educação e Pesquisa, v. 46, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/Q6zMC7F3R6M5wZR8kNVXcKv/?lang=pt>>. Acesso em: 30 out. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. **As duas faces da moeda: heterotopias e emplazamientos curriculares**. Educação em Revista, v. 45, p. 249-264, 2007.